

# Introdução

## Objetivo inicial

Para muitas pessoas a alimentação se apresenta naturalmente como uma atividade altamente prazerosa e profundamente significativa. Dieta, que hoje designa o regime alimentar, para os gregos antigos significava “maneira de viver”, incluindo o conjunto de hábitos do corpo e do espírito, os gostos, os costumes, etc., referindo-se especialmente à alimentação e à habitação. Mudar de dieta era mudar de vida.<sup>1</sup> Há uma interessante permanência desta concepção até os tempos atuais no aforismo de Brillat-Savarin: “Diz-me o que comes e eu te direi quem és.”<sup>2</sup>

Essa importância dada a alimentação<sup>3</sup> leva, em muitos casos, a que as pessoas comparem suas preferências e tentem justificá-las. Essa argumentação tornando-se preocupação pode levar a uma investigação mais ampla, talvez mais cuidadosa, e, dependendo da inclinação da pessoa, essa investigação pode vir a ser sistemática. Esse interesse me fez constatar que a comida variava de lugar para lugar, de uma condição social para outra e, como qualquer um de nós pode verificar mesmo em períodos de alguns anos, no tempo. Esta última é uma constatação que não deixa de surpreender se levarmos em conta que, em nossa maneira de viver, é na escolha do que comemos que menos mostramos ousadia.

Observando, ainda que sem tanta atenção, como comemos, percebe-se imediatamente a diversidade de comentários que são possíveis a respeito de qualquer sessão de comida, seja pública ou privada. Quanto à preparação, pode-se notar que em determinada ocasião um prato foi trabalho de um cozinheiro e em

---

<sup>1</sup>A. BAILLY, *Dictionnaire grec - français*, “διαίτα, genre de vie, en général l’ensemble des habitudes du corps et de l’esprit, les goûts, les mœurs, etc.”

<sup>2</sup>Jean-Anthelme BRILLAT-SAVARIN, *Fisiologia do Gosto*, p.15, Aforismo IV: “Dis-moi ce que tu manges, je te dirai ce que tu es.”

<sup>3</sup>W.H.S. Jones, tradutor de Hipócrates para a coleção Loeb da Universidade de Harvard, enumerando os livros hipocráticos *Regimen*, *Ancient Medicine*, *Regimen in acute Diseases* e *Regimen in Health* é levado a declarar, “However much they may differ in scope and detail, all these works are written under the conviction that medicine is merely a branch of dietetics.” W. H. S. JONES, *Hippocrates*, p. xlvii, v. I. Mesmo que haja exagero, a participação das idéias hipocráticas em Galeno, na Escola de Salerno e até a época moderna, possuíram, sem dúvida, um potencial formador, chegando a influenciar pensadores de outras áreas. A relação entre a alimentação e o todo da vida do homem reteve a atenção de filósofos, dramaturgos e médicos.

outra, de outro; ou, pode-se prestar atenção à preferência demonstrada por pessoas de relevo social por um determinado prato; ou, ainda, sobre se o local ou a ocasião da refeição são ou não adequados ao consumo deste ou aquele prato. A comida, seu consumidor e, completando o elenco, o seu preparador, se apresentam como uma rica fonte de informações.

A alimentação é um assunto fascinante. Não é difícil encontrar quem concorde com essa opinião. Fascinante e amplo, amplíssimo. O que leva naturalmente a deixar de lado muitos de seus aspectos, sem dúvida interessantes e merecedores da maior atenção, para poder construir uma tese coesa e compacta. Dois professores da USP<sup>4</sup>, o professor Ulpiano de Meneses e o professor Henrique Carneiro, publicaram, no ano de 1997, uma coleção de mais de 600 trabalhos, tanto estrangeiros como nacionais, sobre o assunto alimentação. Nessa coletânea, os referidos professores lançaram as balizas que dirigiram suas análises, apontando cinco enfoques principais: biológico, econômico, social, cultural e filosófico. Depois, prosseguiram suas análises de acordo com a contribuição de diferentes disciplinas das Ciências Sociais: antropologia, arqueologia, sociologia e geografia. E, finalmente, segundo o percurso historiográfico que, acompanhando as direções adotadas por alguns autores, tende a criar um campo especializado de estudo histórico. A cada um desses passos, os autores realizam reduções neste “campo de estudo histórico tão vasto, heterogêneo e difuso”.<sup>5</sup> Esse trabalho de concentração e postura em relevo das contribuições e das áreas de atividade mais importantes constitui em si uma baliza. A quantidade de abordagens, por ser extensa e dispersa, acaba sendo concentrada na produção da Europa e dos Estados Unidos particularmente com as contribuições inglesas, francesas e algumas italianas, sem incluir os principais autores alemães, como von Rumohr e von Maassen.

Como os autores das *balizas* comentam, excetuando algumas histórias da alimentação regional e algumas obras de história econômica, na historiografia brasileira há poucos trabalhos sobre o assunto. Nem mesmo “a importante série *História da vida privada no Brasil*, em quatro volumes (organização geral de Fernando Novais) considerou a problemática da alimentação digna de um tratamento específico.”<sup>6</sup> Não deixa de ser interessante a observação que fazem sobre o

---

<sup>4</sup>Ulpiano T. Bezeira de MENESES e Henrique CARNEIRO, “História da Alimentação: balizas historiográfica”

<sup>5</sup>Id., *Ibid.*, p. 26.

<sup>6</sup>*Ibid.*, p. 56.

lugar ocupado pela problemática da alimentação na pauta dos historiadores brasileiros, quando afirmam:

“Última observação geral: se tem sido pobre o interesse de historiadores estrangeiros sobre a problemática da alimentação no Brasil (salvo, em parte, com relação ao café e ao açúcar), é praticamente nula a produção brasileira pertinente a questões externas a nossa sociedade.”<sup>7</sup>

Sendo necessário praticar severa resseção, é indispensável adotar um método. Luís da Camara Cascudo proporciona uma ajuda fundamental neste ponto ao confidenciar:

“Andei uma temporada tentando Josué de Castro, em conversa e carta, para um volume comum e bilingüe. Ele no idioma da nutrição e eu na fala etnográfica. O Anjo da Guarda de Josué afastou-o da tentação diabólica. Não daria certo. Josué pesquisava a fome e eu a comida.”<sup>8</sup>

Considerando a impossibilidade apontada por Cascudo de compatibilizar abordagens distintas sobre o mesmo tema, o procedimento adotado aqui, não sem pena, foi o de abandonar tudo o que não lida diretamente com a comida. Exclui-se, assim, por exemplo, o estudo daqueles que preparam e servem a comida. Basta lembrar George Orwell<sup>9</sup> para lamentar ter que deixar de lado um aspecto tão rico e interessante. Não foi objeto de análise, também, a nutrição e o abastecimento. A nutrição é um campo tão antigo e bem organizado, com vínculos ostensivos e ocultos com a ordem social e religiosa da época em que as normas foram enunciadas. Por isso mesmo, para fazer um mínimo de justiça às contribuições de Hipócrates, Galeno, a Escola de Salerno e todos os seus herdeiros e sucessores, sua história exigiria um tratamento dedicado, um trabalho imenso. No que diz respeito ao abastecimento, tema freqüente nos trabalhos de história econômica, corresponde a uma abordagem relacionada com outros mecanismos sociais e políticos que nem sempre transitam pela rota da comida e sua apreciação - tema central deste trabalho.

Para os nossos fins o gosto é o aspecto central a ser estudado. O gosto e, conseqüentemente, o gozo deste. A busca do deleite sensorial, e inevitavelmente intelectual, como mostraremos, a ser obtido por meio da comida, se apresenta

---

<sup>7</sup>Ibid., p. 53.

<sup>8</sup>Luís da Camara CASCUDO, *História da alimentação no Brasil*, p. 16, v.1.

<sup>9</sup>George ORWELL, *Down and Out in Paris and London*. Obra autobiográfica em que Orwell conta como sobreviveu trabalhando em restaurantes e hotéis, e que já foi utilizada como fonte de informação em trabalhos de sociologia, ver Mennell et al. *The Sociology of Food*, p. 85.

como uma manifestação essencialmente moderna, constituindo mais um ponto de observação para o estudo dos grupos que a praticam. A redução do escopo tratado é efetuada até concentrá-lo na formação e na apreciação do gosto, atividade pessoal envolvendo a preocupação com a arrumação dos ingredientes, tanto culinariamente para dar prazer ao paladar e ao olfato, como espacialmente para satisfazer a visão. A resolução desse conjunto de preocupações, quando são consideradas coletivamente num grupo humano, é comumente chamada de *cuisine*. E, denominaremos a preocupação em si de *gastronomia*, termo a que esta tese proporciona uma definição

Parte do interesse reside no fato de que por evocar, corretamente, a idéia de refinamento, a gastronomia é usada para demonstrar um requinte que serve para adoçar os efeitos mais crus, por serem dinâmicos e materialistas, da modernização dos meios e dos modos de viver. A análise desse uso rende resultados que esclarecem as manobras e ardis, conscientes e inconscientes, de que se lança mão para implantar modos de vida que se querem característicos do progresso, modernos e civilizados.

A mudança política marcada pela República, acrescida das alterações econômicas e dos esforços dos dirigentes em propagar valores reconhecidos como modernos, tornam este período, 1889 até 1930, excelente para estudar as transformações ocorridas nos costumes alimentares na cidade do Rio de Janeiro. Daí a escolha do título que melhor representa o intuito desta tese, pareceu, desde o início, ser *O sabor moderno: da Europa ao Rio de Janeiro na República Velha*.

### **Etapas expositivas**

É fácil constatar que não há um conhecimento uniforme e difundido do que seja a gastronomia e sobre como é gerada e transformada. O próprio restaurante, onde têm lugar as manifestações públicas da gastronomia, não é claramente definido para a maioria das pessoas. O mesmo ocorre na relação de gastronomia com *cuisine* ou com culinária. Não há clareza nem consenso no uso dos termos gosto, restaurante, taverna, gourmet, gourmand, gastronomia, etc., que são usados com diversos significados tanto dentro como fora de trabalhos de história. O papel que

estes conceitos desempenham no desenvolvimento do mundo moderno precisa ser bem compreendido para que se possa propor respostas<sup>10</sup> às indagações sobre o que ocorre nas circunstâncias específicas que nos interessam: o Rio de Janeiro durante a República Velha.

Neste trabalho, os capítulos iniciais são desenvolvidos à guisa de definição do que seja a gastronomia e de conceitos afins. Mais do que uma definição formal, o intuito dos cinco primeiros capítulos é de circunscrever o sujeito, para dessa forma, criar um terreno nivelado onde seja possível entender este trabalho e, até mesmo, produzir outros de forma coerente

No capítulo I, *Na cidade*, estudamos a metamorfose da cidade européia ocidental, que, perdendo ou conservando algumas de suas características medievais, deu lugar à grande cidade européia do século XIX. Não se trata somente das construções - muralhas que desaparecem, prédios novos como as estações de estrada de ferro, lojas de vários andares, das galerias comerciais, do aumento de vitrines - mas, também, sobre aqueles que as desfrutam. Era a metamorfose em um novo habitante para o novo habitat. Os personagens que povoaram esses lugares novos que iam se misturando aos antigos e aos decadentes, exercendo novas profissões e, ao mesmo tempo, renovando algumas muito antigas. O ideário da cidade passou a ocupar um lugar diferente nas considerações do homem moderno, quando ele deixou de ser a materialização de uma vontade divina ou um reflexo, ainda que pálido, da relação harmônica que devia reger a sociedade.

A modificação da vida na cidade contribui para o aparecimento de novas instituições, entre as quais se destaca o restaurante, que atendeu oportunamente às aspirações de uma fração crescente de cidadãos das mais variadas condições sociais. Esse é o assunto do capítulo II, *A demarcação pelo sabor*, nele tratamos das tendências que se desenvolveram ao longo dos séculos XVI e XVII e eclodiram no XVIII pela tomada de consciência de uma aspiração a um certo gosto, que acrescenta a dimensão do deleite e da estética à vida bem aproveitada. O hedonismo encontrara uma expressão material e intelectual e os que soubessem praticá-lo, de acordo com as normas, se distinguiam e se reconheciam entre si. Saber gozar os refinamentos, entre os quais se encontra a comida em sua forma gastronômica, é

---

<sup>10</sup>Fernand BRAUDEL, "Retour aux enquêtes", *Annales*, 16<sup>e</sup> année, n. 3, p. 421 : "L'histoire est avant tout la réponse à des questions, souvent les mêmes, mais jamais exactement les mêmes, que nous pose chaque génération nouvelle, au sujet d'un immense passé dont nous avons la garde.", ao fazer o chamado ao estudo da vida material e os comportamentos biológicos.

sinal de distinção. Para alguns é uma marca indispensável, que devia ser adquirida a todo custo e ser objeto de vigilância permanente. As recomendações de Castiglione e Erasmo atravessaram séculos e são repetidas por Chesterfield. No século xx, Norbert Elias, em seu estudo do processo civilizador<sup>11</sup>, descreve essa curva de suavização dos costumes, que neste capítulo é aplicada aos acontecimentos que ocorrem à mesa.

Fatores tecnológicos, científicos e, inclusive, os políticos determinaram um afluxo de ingredientes novos e novos métodos de utilizá-los. A gastronomia recebe esse nome e passa a ser tema de literatura especializada. Processo semelhante sofrem seus praticantes, tanto produtores como consumidores. Brillat-Savarin, Grimod de La Reynière, Carême, e outros gastrônomos e cozinheiros escreveram como nunca se escrevera antes, tanto em vigor teórico como em volume de produção escrita.

O capítulo III, *Comendo na cidade*, apresenta os principais fatores que propiciaram o florescimento no século dezenove, da culinária orientada pela gastronomia, quando se confirmou a hegemonia francesa nas atividades comerciais, profissionais e intelectuais nesta área. As conseqüências culturais desse florescimento se estenderam, a partir de Paris, pelo mundo inteiro. Os homens que lideraram essas manifestações, cozinhando, escrevendo, patrocinando, deixaram uma sólida herança escrita. Muito desse material tem no discurso um tom autoritário, isso quando não é francamente arrogante e pretensioso. Mesmo assim, essa literatura se firmou e com o tempo, se depurou, retendo o interesse de mais um tipo de consumidor: o leitor de literatura *gourmande*, termo que deverá ser explicado. O capítulo IV, *Chefs, cronistas e consumidores*, delinea os personagens emergentes desse novo estilo de vida entre os que se disputavam os espaços das metrópoles.

O gosto, nessa perspectiva, ganhou uma visibilidade que chamou também a atenção para um dos aspectos mais curiosos das teorizações modernas: o uso metafórico da expressão gosto. Explicando melhor: o termo gosto teve seu sentido estendido a atividades sublimes que dependem exclusivamente de outros sentidos considerados mais elevados, como a visão e a audição. A hierarquia dos sentidos, existente desde a Antigüidade, foi novamente examinada e constatou-se

---

<sup>11</sup>Norbert ELIAS, *The Civilizing Process*.

que continha uma contradição insolúvel, se não for perigosa também, para moral e a ordem social. A opinião encerrada no ditado *De gustibus non est disputandum*, com a qual todos parecem conformar-se, não é tão evidente se examinada de perto. No capítulo V, *O gosto do bom gosto*, são abordados estes assuntos, junto com uma rápida retrospectiva da história do sentido do gosto, do ponto de vista conceitual e do fisiológico.

Tal como o viajante estrangeiro que examinava o Brasil e os brasileiros que encontrava no seu caminho e escrevia relatos registrando suas impressões, o brasileiro que viajava fazia serviço equivalente lá fora. Mas o brasileiro viajado era quase sempre um homem de posses, pagando sua estada com recursos próprios, ou a serviço do Estado que, muitas vezes, assumia essas despesas. Esses viajantes brasileiros, homens e mulheres, agiam como veículos carreando para o Brasil todos os costumes europeus e as modificações que estes sofriam. As camadas sociais capazes de enfrentar as despesas para adquirir os apetrechos europeus, vestidos, perfumes, chapéus e acessórios, procuravam adotar todos os costumes que os levassem a ter um modo e um ritmo de vida que lembrassem o mais possível a vida na Europa. Essa aspiração das elites alcançou um extraordinário grau de materialização quando os governos civis, paulistas, assumiram a condução da nova República. A cidade do Rio de Janeiro, nessa ocasião, foi fisicamente transformada em sua parte central e nas conexões dessa parte com alguns bairros mais nobres. Essa operação teve conseqüências profundas, na vida das camadas sociais mais favorecidas, que passaram a desfrutar de uma cidade de feições européias que podia ser mostrada aos estrangeiros sem embaraço; na vida das camadas mais pobres, que foram privadas ou obstaculizadas no uso dos implementos de seu dia-a-dia, sua habitação, sua comida, seu acesso aos lugares de trabalho.

Várias facetas da vida carioca do início do século vinte vêm à luz na análise, que é realizada no capítulo VI, *Uma viagem ao Brasil*. A ausência de literatura gastronômica semelhante à que inundou boa parte da Europa no século dezanove, foi suprida, nesta pesquisa, pelo estudo de crônicas, de memórias e de cardápios, documentos de existência recente mesmo na Europa. Outros fatores incrementam essas mudanças de ares, é preciso notar também que a situação da mulher foi diretamente afetada pela existência da escravidão até o ano anterior à Proclamação da República. Esses aspectos e suas influências são analisados junto com outras

práticas correntes na época, tais como a organização do consumo, o tipo de ambiente cultivado pelos cariocas abastados e as formas que brasileiros oriundos de outros estados, assim como alguns estrangeiros, adotavam para interagir com eles.

Mais uma vez, em favor da coesão do assunto tratado, foi deixada de lado a convivialidade como uma das manifestações mais frequentes da comensalidade. O assunto é por demais extenso e pode, facilmente, tornar-se antagônico da gastronomia. Afinal, a procura da companhia simpática freqüentemente determina o lugar e os pratos de uma refeição agradável, em detrimento da degustação da comida. De fato, o gastrônomo pode perfeitamente, e, às vezes, até mesmo preferir comer sozinho.

Um tema subjacente ao longo desta tese é contrastar o interesse pelo “bem comer” com o interesse pelo “comer bem”, com o que se pode esclarecer um aspecto da história cultural no período escolhido. Por essas considerações, não mais de ordem estrutural da apresentação e construção da tese, a confeitaria não foi incluída na variedade de produções gastronômicas consideradas. Essa decisão, surpreendente a primeira vista, se fundamenta no fato facilmente sentido de como o sabor doce, que é só um dos quatro sabores clássicos - doce, salgado, ácido e amargo - na “doceria”, é dominante ao extremo, acabando por empobrecer a rica complexidade que a cozinha de sinergia oferece sobre a cozinha de saturação, oposição tradicional que se manifesta na separação da cozinha moderna da medieval. A bebida foi excluída por razões semelhantes.

Dois pontos sobre o que foi tratado e a maneira de tratá-lo. Na discussão de todas estas questões a fome não foi incluída. Há uma pergunta inevitável, que muitos cozinheiros famosos e comentaristas da gastronomia enfrentam: “como pode falar de comida refinada e amiúde cara quando há tanta gente passando fome?” Não é com a abordagem aqui apresentada que seria possível oferecer uma resposta satisfatória. Nem a essa pergunta nem a uma variante não menos comum: “mas, e o que comiam os pobres?” Como veremos, os registros sobre o que comiam os ricos já não são muito abundantes; os relativos aos pobres o são algo menos.

A literatura gastronômica sofre de um mal muito acentuado: o anedotário. As descrições dos feitos dos cozinheiros, sejam escritas por eles mesmos ou por



outras pessoas, tendem acentuadamente para a hagiografia. As dificuldades do cozinheiro e o triunfo com que coroa sua carreira são apresentados salpicados de anedotas que lembram mais *Voragine* e *A legenda dourada* do que um relato construído com um mínimo de rigor. Esse costume tão arraigado obriga a montar uma vigilância redobrada para evitar os lugares comuns (κοινος τοπος). Por outro lado, a existência de um padrão, mesmo com variantes, para construir a narrativa suscita uma questão interessante: o formato dessa narrativa da obtenção do sucesso, convencionalmente construída, corresponde a uma forma ideal do *cursus honorum* como era concebido no século dezenove?

# Capítulo I: Na cidade

“Stadt Luft macht frei”  
(ditado alemão medieval)<sup>1</sup>

## 1. Metamorfose da cidade moderna

“Por volta das três horas da tarde de um dia de outubro de 1844, um homem de uns sessenta anos, mas a quem todo o mundo teria dado mais idade, caminhava pelo Boulevard des Italiens, (...)” Assim começa *Le cousin Pons* de Honoré de Balzac. E prossegue para descrevê-lo do ponto de vista dos observadores :

“Avistando ao longe esse velho, as pessoas que lá se encontram todos os dias sentadas em cadeiras, entregues ao prazer de analisar os passantes, deixavam todas aparecer nas suas fisionomias esse sorriso peculiar dos parisienses, e que diz tantas coisas irônicas, ridicularizantes ou simpatizantes, mas que para animar o rosto de parisiense, *blasé* de todos os espetáculos possíveis, exige a presença de uma grande curiosidade ao vivo.”<sup>2</sup>

Esse texto, publicado por Balzac em 1846, é uma boa descrição da Paris das ruas, a Paris pública. Como outras obras, de ficção ou não, que descrevem a mesma época, podem atestar. Essa é a Paris do começo do século dezenove pós-napoleônica. Inconfundível, inconcebível até, na Paris de 50 a 60 anos antes. Mudaram as formas das pessoas se comportarem no meio da população cidadina. De fato, mudou a cidade junto com os costumes dos que lhe determinavam sua forma e seu uso. Mudaram os que detinham esse poder. O deslocamento da burguesia para posições de decisão, a influência direta crescente dos setores financeiros e o reconhecimento aberto dos investidores, acarretam mudanças na organização política e, evidentemente, social. A frase pejorativa de Napoleão declarando a Inglaterra ser um país de lojistas, voltara com vingança.

---

<sup>1</sup>M. WEBER, *The City*, p. 94: “The urbanites therefore usurped the right to violate lordly law. This was the major revolutionary innovation of medieval occidental cities in contrast to all others.”

“In Central and North European cities the principle appeared : « City air makes man free ».”

(“Os cidadãos em consequência usurparam o direito de violar a lei do senhor. Esta foi a principal inovação revolucionária das cidades medievais ocidentais em contraste com todas as outras. Nas cidades da Europa Central e do Norte apareceu o princípio : « O ar da cidade torna livre ».”)

O servo que fugindo de seu senhor permanecesse numa cidade imperial por um período de um ano e um dia, tornava-se livre.

<sup>2</sup>H. DE BALZAC, *Le cousin Pons*, p. 15.

A atitude burguesa, que durante o *Ancien Régime* desprezara o parasitismo da nobreza e manifestara sua superioridade com a sobriedade de sua vida familiar e vestimenta, cessa de ser apropriada. A descrição, ainda de Balzac, do casamento no qual o primo Pons participa como testemunha, é totalmente clara a este respeito :

“Uma vez feitas as apresentações e os cumprimentos, Pons, requerido pelos parentes para assinar o contrato, ouviu a leitura das atas e, como às cinco e meia, passou-se à sala de jantar. O jantar foi uma dessas refeições suntuosas que oferecem os homens de negócios quando declaram uma trégua nas suas atividades, que por outro lado era um atestado das relações de Graff, o maître de l’*Hôtel du Rhin* com os melhores fornecedores de Paris. Jamais nem Pons nem Schmucke haviam conhecido tais iguarias. Houve pratos capazes de arrebatam o pensamento!... massas de uma delicadeza inédita, peixinhos de uma fritura incomparável, um ferra de Genebra ao verdadeiro molho genebrês, um creme para plum-pudding que surpreenderiam o famoso doutor que, diz-se, o inventou em Londres. Deixaram a mesa às dez da noite.”<sup>3</sup>

O trecho acima e a passagem citada no início do capítulo, nos dá a noção de todos os elementos que descrevem a nova relação entre as pessoas e destas com a cidade. A cidade, com suas possibilidades, exigências e restrições, ao mesmo tempo que as regras para circular entre esses postes num verdadeiro *slalom* cotidiano vital, é mais um personagem na vida de seus habitantes, personagem que não pode ser ignorado e deve ser levado em conta a todo instante do dia.

A cidade existe há milhares de anos. Jericó, considerada por alguns arqueólogos como a mais antiga, foi construída pela primeira vez nove ou dez mil anos atrás, coeva com a revolução agrícola do Neolítico. Algumas observações: a cidade, como mostram as ruínas examinadas de inúmeros locais, eram lugar de refúgio, fortalezas destinadas à defesa dos habitantes e seus bens e, freqüentemente, as cidades eram reconstruídas no mesmo local onde a sua predecessora fora destruída. Os motivos que levam à escolha do local no início, quando se coloca o que seria a sua primeira pedra, são muitas vezes mais duráveis do que a própria construção em que esses motivos se concretizam e que os representa. O estabelecimento de uma cidade tem algo de muito profundo, que leva a reconstruir inúmeras vezes a cidade no mesmo lugar apesar de evidentes perigos, na forma de vulcões ativos, litoral freqüentemente açoitado pelo mar ou rio sujeito a trasbordamentos quase anuais. Há, é claro cidades que perdem importância, tamanho,

---

<sup>3</sup>Ibid., p. 113.

poderio e até desaparecem. Interessam as que chegam ao século dezenove bem estabelecidas, suficientemente robustas para absorver mudanças fundamentais em suas estruturas, em suas funções na sociedade nacional e internacional e no tipo de habitante que as ocupam. As cidades que podem sofrer o processo de *metropolitização*<sup>4</sup> e florescer com as suas novas formas. Cidades como Paris, Londres, Viena e algumas nos Estados Unidos. Por exemplo, Paris. Escolha justificável pela documentação que existe sobre suas características antes e durante o século dezenove e, também, pela importância que os contemporâneos no século dezenove e início do vinte, franceses e não-franceses, davam a Paris e ao que nessa cidade acontecia.

Cidades foram fundadas para atender necessidades variadas, comerciais, de pouso durante um trajeto, para aproveitar a existência de recursos, principalmente água, lugares de trânsito fácil, vãos, próximas de bens ou fontes destes, enfim, respondendo a alguma conveniência. Com o lugar mais ou menos imposto pelas circunstâncias - não por determinismo geográfico<sup>5</sup>, nem pela submissão da natureza<sup>6</sup> - é preciso defender esse estabelecimento interessante para não perdê-lo ou vê-lo destruído, pelos vizinhos do presente ou do porvir. As cidades se prepararam para a defesa. Defesa preventiva se possível, para tornar a perspectiva de sucesso no assalto tão remota que em boa parte a paz seja obtida sem luta. Cria-se assim a “cidade de guarnição” que, no início, pode encontrar-se dividida em seção militar - usualmente a parte alta de um promontório, residência do príncipe, do chefe - e civil. É o burgo anglo-saxão<sup>7</sup>, uma das formas que para Max Weber podem dar origem a uma cidade. Mas, seria só uma origem em potencial. É o poder aquisitivo dos habitantes que fará a diferença.

---

<sup>4</sup>No sentido em que o termo é introduzido por M. Castells, isto é, de crescimento urbano desmesurado que resulta da desestruturação do meio rural que leva a migrações em massa para a cidade. O homem vá para a cidade, não porque esta em consequência da industrialização lhe oferece empregos; ele deixa o campo porque nele não mais consegue sobreviver.

<sup>5</sup>Nem dominado pela “natureza” : “Pour agir sur le milieu, l’homme ne se place pas en dehors de ce milieu” . (L. FEBVRE, *La Terre et l’évolution humaine*, p.391 )

<sup>6</sup>Fórmula vazia cujo uso implica a existência de uma natureza feita, pronta, que se dobra à vontade humana aceitando-a como ela é.

<sup>7</sup>M. WEBER, Op. cit., p. 76.

## 2. A cidade medieval e moderna ocidental

A cidade, a aldeia extensa, populosa e complexa, oposta ao ambiente rural, tem mais de uma genealogia. Os exemplares na Europa, no Oriente Médio, na Ásia ou nas Américas, podem ter em comum o grande número de habitantes e as numerosas atividades que nelas se desenvolvem mas, dependendo dos critérios adotados pelo estudioso (distância entre as construções, número de lares, ...), algumas delas podem não receber esta designação. Gostaríamos, entretanto, de dirigir nossa atenção, não às grandes aglomerações chinesas como as visitadas por Marco Polo, nem às construções do Mediterrâneo herdeiras de Jericó, Micenas, Atenas ou Roma. É importante estudar a grande cidade européia recente. O desenvolvimento das principais capitais, especialmente, Paris e Londres, com referências a Berlim, Madri ou outras grandes cidades para comparação, para jogar luz sobre o desenvolvimento dos hábitos urbanos modernos.

A ausência de cidades, entretanto, impede o aproveitamento, por valor adicionado, da renda territorial. Paulatinamente, surgem os indivíduos capazes de realizar essa operação de transformação. Desenvolve-se uma sociedade urbana, nova, de comerciantes, junto à sociedade feudal existente, de base rural.

A Idade Média européia começa com a destruição da cidade pelos invasores, que apoderando-se da base da riqueza, os bens de raiz, formam uma nova sociedade. Os aglomerados de casas, os casarios, os remanescentes de cidades anteriores, são moradias senhoriais, sedes de autoridades eclesiásticas. Exemplos como Tours no século VI, descrito por Saint-Grégoire, mostram como funciona uma sede episcopal. No mesmo relato, Paris não é muito diferente. Os reis não tinham morada fixa. A cidade reúne o que não pode ficar no campo. Nem necessariamente o castelo do mais poderoso local está situado na cidade. A renda territorial é minimamente transformada em mercadoria. As reservas são tesaurizadas, na forma de objetos de metais preciosos e jóias. É lentamente que aparece a oportunidade de incorporar o valor adicionado e aproveitar essa transformação numa rede de contatos e distribuição. A expansão de trocas e de pagamentos em moeda que começa a se estabelecer alcança além dos limites regionais, incluindo eventualmente toda a Europa. A *extensão além de fronteiras* cada vez mais longínquas é um dos processos fundamentais que será necessário considerar mais

adiante. As cidades oferecem abrigo e recursos aos financistas, comerciantes e artesãos. Estes ao estabelecerem-se e utilizarem essa rede de contatos e recursos se tornam cada vez mais interdependentes, e passam a concentrá-los. Junto com os membros da Igreja e da nobreza, constituem a trama do tecido que suporta e desenvolve a sociedade urbana, que, freqüentemente, se afirmará por conflitos com a sociedade feudal existente, de base rural.

Do século quinze ao dezoito, a sociedade, na maioria dos casos senhorial e monárquica, acentua seu caráter citadino. O domínio desta está nas mãos de reis, nobres, eclesiásticos e, às vezes, burgueses, que dela fazem seu emblema; cidades ricas, cuja prosperidade é evidente para todos. As cidades se enriquecem, e demonstram claramente sua opulência. Vai nisso o interesse tanto dos burgueses como do príncipe. O poderio e, sobretudo, o prestígio, dependem da riqueza. Quem mostra riqueza mostra a solidez de sua situação, a possibilidade de continuar a captar essa riqueza. A ostentação é uma sinalização fundamental no relacionamento social, seja entre instituições, seja entre indivíduos. É um sinal que aponta um bom aliado. Os senhores - príncipes, bispos, duques, burgomestres - se empenham em proteger a fortuna dos mercadores que sustentam e refletem seu poderio.

A existência de uma cidade com os meios de agir e administrar é uma ferramenta importante na condução dos negócios do Estado, um grande auxiliar do absolutismo crescente. Motivo de orgulho, a cidade do príncipe passa a ter uma corte de nobres, assim como comerciantes e artesãos. Nobres de menor poderio ou empobrecidos aceitam a tutela e vigilância do senhor e lhe prestam serviços pessoais e de alta burocracia. O fortalecimento de algumas casas reinantes e a reunião e consolidação de alguns estados favorece a concentração de poderes e o fortalecimento do absolutismo. Os nobres em sua crescente dependência acorrem à Corte onde competem para, na graça do senhor, viver no luxo e no ócio. Tanto na França como na Inglaterra, os séculos dezesseis e dezessete foram difíceis para a nobreza de espada, a alta nobreza. Dizimada e empobrecida por lutas civis; com os homens na obrigação de expor-se a morrer jovens, a nobreza de espada é substituída pela baixa nobreza, de origem francamente popular, oriunda até dos níveis mais baixos do *Tiers État*. Na Inglaterra, o desaparecimento de muitas das famílias mais antigas é conseqüência das guerras pelo trono. Segundo as fontes

consultadas por Werner Sombart, depois das Guerras das Rosas o número de famílias da antiga nobreza ficou reduzido a vinte e nove, e dentre estas algumas foram postas fora da lei ou ficaram enfraquecidas e empobrecidas.<sup>8</sup> Por várias razões, então, a Coroa criou novas famílias nobres e novos títulos de nobreza.

“The dukes of Leeds are descendants of Edward Osborne who came to London as a poor merchant’s apprentice; the dukes of Northumberland take us back to a Hugh Smithson who was a clerk in an apothecary shop . . . The following titleholder likewise had middle-class antecedents: the Russells, the Marquesses of Salisbury, the marquesses of Bath, the earls of Brownlow, Warwick, Carrington, Dudley, Spencer, Tilney (...).”<sup>9</sup>

e a lista se prolonga por mais vinte nomes terminando com os duques de Dorset e os de Bedford. O mesmo é informado a respeito da nobreza francesa:

“The fairly accurate statistics which we possess of the composition of the nobility at the end of the French Revolution confirm the correctness of these opinions. At the time the number of noble families reached 26,000. Only 1300 to 1400 belonged to *la noblesse immémoriale ou de race* (the nobility of blood or race), and only about 4 000 of them were of the *noblesse de robe ou d’office* (nobles of the bench, etc.)”<sup>10</sup>

Mais adiante, Sombart menciona:

“Antoine Crozat, whose grandfather was a servant, married off his daughter to comte d’Evreux, of the princely house of Bouillon. His second son, baron de Thiers, married Mlle de Laval-Montmorency. Their daughters married the marquis de Bethune and the marshal de Broglie. Pierre, the brother of Antoine Crozat, gave his daughter to the marquis de Montsampère, seigneur de Glèves (...).”<sup>11</sup>

e assim por diante, numa longa lista que é, por sua vez, um resumo dos nomes mencionados nas fontes.

Finalmente, a cidade tem propriedades em comum com a aldeia. Ambas são um conjunto de moradias, há em ambas associações econômicas. Tanto na cidade como na aldeia, essas associações têm características territoriais próprias e uma economia de receitas e despesas. Mas não é no grau dessas características que reside a diferença. Esta se manifesta no modo de regulamentar a propriedade imobiliária e no fato de na cidade existirem, com algum grau de autonomia, instituições políticas e administrativas específicas. Na formação ocidental da cidade, esse entrelaçamento de exigências econômicas, políticas e militares faz dos detentores do poder um patriciado urbano que se apóia nos lucros comerciais, na

<sup>8</sup>W. SOMBART, *Luxury and Capitalism*, p. 10.

<sup>9</sup>Id., *Ibid.*, p. 11.

<sup>10</sup>*Ibid.*, p. 18.

<sup>11</sup>*Ibid.*, pp. 19, 20.

propriedade da terra, na propriedade de escravos por dívidas, na propriedade de escravos por investimento e em sua força guerreira a cavalo. “(...)algo assim como o estado em que se encontrava Roma na época da admissão da *gens Claudia*.”<sup>12</sup> Qualquer que seja o processo de formação, é preciso que a aglomeração chegue a uma condição que só é vista extensamente no Ocidente.

“Nem toda « cidade » no sentido econômico, nem toda fortaleza que no sentido político-administrativo, supunha um direito particular dos habitantes, constitui uma « comunidade ». A comunidade urbana, no sentido pleno da palavra, existe como fenômeno extenso unicamente no Ocidente. Além disso existe em uma parte do Oriente Próximo (Síria, Fenícia, talvez Mesopotâmia), porém só eventualmente e em embrião. Para isso seria necessário que encontrássemos estabelecimentos de caráter industrial-mercantil bastante pronunciado, a que correspondessem estas características : 1) a fortaleza, 2) o mercado, 3) tribunal próprio e direito ao menos parcialmente próprio, 4) caráter de associação, e, unido a isso, 5) ao menos uma autonomia e autocefalia parcial, portanto, administração a cargo de autoridade em cuja escolha os burgueses participassem de alguma forma”<sup>13</sup>

É dessa cidade, claramente distinguível da aldeia, não pelo seu tamanho nem pela sua prosperidade, mas pela sua estrutura social - os vínculos que ligam os habitantes entre si e, não menos importante, os vínculos destes com a própria cidade -, que poderá mais tarde nascer a cidade que caracterizará o século dezoove ocidental e o apogeu da civilização européia.

### 3. A grande cidade européia do século XIX

Louis Wirth em *Urbanism as Way of Life* comenta o impacto e a diferença que a nova, a grande cidade européia representa :

“Da mesma forma como o início da civilização ocidental é assinalado pela fixação permanente de povos anteriormente nômades na bacia do Mediterrâneo, assim também o início do que pode ser considerado marcadamente moderno em nossa civilização é caracterizado pelo crescimento das grandes cidades. Em nenhum lugar do mundo a humanidade se afastou mais da natureza orgânica do que sob as condições de vida características das grandes cidades. (...). A característica marcante do modo de vida do homem na idade moderna é a sua concentração em agregados gigantescos em torno dos quais está aglomerado um número menor de centros e de onde irradiam as idéias e as práticas que chamamos de civilização.”<sup>14</sup>

<sup>12</sup>M. WEBER, Op. cit., p. 86.

<sup>13</sup>Id., Ibid., p. 81.

<sup>14</sup>L. WIRTH, *O urbanismo como modo de vida*, In: O.G. Velho, *O Fenômeno Urbano*, p.97. Wirth, para fins sociológicos define assim a cidade: “um núcleo relativamente grande, denso e permanen-



O crescimento das cidades, a urbanização da Europa e do mundo, são fatos marcantes de expressão quantitativa. Comparativamente, é interessante observar que, até meados do século dezoito a população rural representava 80% ou mais da população total, mas sua influência nas decisões que afetavam os aspectos mais variados da sua existência era muito pequena ou realmente nula. O poder estava nas mãos dos habitantes das cidades, capitais reais, vilas independentes, cidades-estados. Os detentores do poder residiam em verdadeiros guetos de civilização.

A inversão das proporções de rurais a citadinos que ocorre no século dezanove, século durante o qual se quadruplica a população dos países industrializados, põe a prova a cidade em todos os seus aspectos. Apesar da oposição tentada pelos que acreditavam serem mais importantes os valores territoriais e rurais, naqueles países ocorreu uma transferência quase que total das forças econômicas.

Na segunda metade do século dezanove, na Europa ocidental, a população passou de 50 a 500 milhões de pessoas. Nunca se construiu tanto como a partir de 1850. As alterações que ocorreram nas cidades, na grande cidade, são consequência das necessidades e das transformações que a sociedade como um todo sofre; a vida urbana que se dá nessa sociedade sendo uma das causas importantes dessas transformações. Há um atraso crescente entre as transformações urbanistas implementadas e as que se fazem sentir. O tempo é insuficiente porque as causas são rápidas e se seguem sem dar trégua.

As cidades se tornaram sedes de indústrias, de formas novas de depósito e armazenagem, de gestão financeira e comercial. O progresso das comunicações, o telégrafo e, mais tarde, a telefonia, os transportes, primeiro o ferroviário e logo depois o rodoviário motorizado, mudaram constantemente o número de habitantes, o número de atividades possíveis, a velocidade das transações e, constantemente, as necessidades urbanísticas de habitação, alimentação, trabalho e diversão. O tamanho dos problemas é avassalador e faz uma diferença na hora de resolvê-los, encarados usualmente com uma mentalidade correspondente a uma situação anterior, que a velocidade das transformações torna inútil e até mesmo um estorvo. As soluções são insuficientes e tardias. É neste sentido que a

expressão “revolução industrial” toma um sentido mais profundo, de conseqüências mais fortes, violentas. A cidade se arrasta e se atrasa em sua defasagem rítmica. Seu ritmo é, por razões materiais e culturais, medido em decênios e o efeito da tecnologia, modulando a sociedade e a vida quotidiana, é quase imediato. Em dez séculos a sociedade antiga secretou seu conceito e concretização das cidades. O urbanismo do século dezoito é o resultado de renascimento urbano. Cinquenta ou cem anos de desenvolvimento industrial acelerado e de crescimento populacional, produz o mesmo efeito que um turbilhão. Que ainda não passou. O homem tem dificuldade em adaptar-se à dinâmica do que ele mesmo cria. Assim sua criação não é mais parte de si; torna-se externa, como se fizesse parte dos eventos criados pelo destino, e o criador fica à mercê dos eventos.

Com a imensa sacudida social provocada pela Revolução Francesa e os tremores napoleônicos, esse terremoto de primeira magnitude provoca o aparecimento de um vasto público moderno e em que passam a existir pessoas, que por experiência, própria sabem o que era a vida material e emocional em condições totalmente diferentes desse ambiente moderno. É como uma decorrência natural que em tais condições o ser moderno se divide de acordo com a linha de clivagem tão afeiçoada de oposição material / espiritual, campos de ação da modernização e da modernidade. A raiz lexical comum não garante qualquer sincronia entre esses campos, sendo perfeitamente possível ter-se efeitos modernizantes sem por isso alcançar-se a modernidade.

Individualmente, novas atitudes tornam-se necessárias. O marinheiro norueguês de Poe em *A Descent Into the Maelström* cai mas se salva do redemoinho que destruiu seu barco e matou seu irmão, adotando uma idéia da estratégia que face a tal velocidade na mudança, na transformação, pode ser útil e salvadora. O marinheiro conta como, colhido pela tempestade, o barco que ele e seu irmão ocupavam fora levado até o terrível redemoinho. A perspectiva de serem tragados, barco e tudo, e a aproximação rápida e inexorável da borda do abismo foi de contínuo terror, mas uma vez dentro, no âmago da luta, sua consciência e controle voltaram a servi-lo: “After a little while I became possessed with the keenest curiosity about the whirl itself. I positively felt a *wish* to explore its depths, ...”<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup>E.A. POE, *A Descent into the Maelström*, p.135. “Depois de alguns momentos fiquei possuído pela mais aguda das curiosidades sobre o redemoinho. Senti francamente o *desejo* de explorar suas profundidades, (...).”

Baudelaire, Nietzsche: o inimigo inevitável nos pertence e devemos apossarmos dele a ponto de amá-lo.

#### 4. A cidade, a multidão, o indivíduo

O trecho de Balzac, no início deste capítulo, mostra a cidade - esse personagem de pedra que efetivamente é feito de pessoas, costumes e coisas - em plena ação. Como aponta Wirth, apoiando-se em Darwin e em Durkheim:

“Um aumento numérico para uma área constante (isto é, um crescimento da densidade) tende a produzir diferenciação e especialização, pois somente dessa forma é que a área poderá suportar o aumento numérico. A densidade, pois, reforça o efeito que os números exercem sobre a diversificação dos homens e de suas atividades e sobre o aumento da complexidade da estrutura social.”<sup>16</sup>

Há muitas pessoas no mesmo lugar. No café, na rua, no boulevard, no ônibus, na fábrica, nas lojas. Essas pessoas não se conhecem mas têm algo em comum que se manifesta, ainda que momentaneamente, no estar juntas, coincidir mais ou menos no espaço. O espaço na cidade tem um significado minucioso. Essa fragmentação espacial estabelece uma diferença com o espaço rural, consequência de todos esses fatores mencionados acima e de seus efeitos psicológicos nos habitantes do espaço. Como o fluxo migratório do rural para o urbano é preponderante, há sempre um grande número de habitantes da cidade em período de adaptação a novos usos e costumes sociais os quais por sua vez estão em mudança e, por isso, pelo menos temporariamente, deslocados. Pode-se dizer que em algum grau, todos os habitantes da cidade estão em constante adaptação.

Cada uma destas “diferenças” pode ser também uma oportunidade. A cidade é o habitat próprio do empreendedor. O tamanho do espaço, do terreno, confere valor à propriedade de forma diferente no rural e no urbano. A proximidade, eventualmente o “ponto” no sentido comercial, é uma consideração fundamental na cidade. Onde estão os outros habitantes, por onde passam, quando o fazem. As tarefas são diferentes, ocupam mais ou menos os mesmos horários; as horas livres são em grande parte coincidentes. A cidade desvincula a vida dos habitantes dos ciclos da natureza, mas não totalmente e nem a todos: a maioria dos habitantes

---

<sup>16</sup>WIRTH, Op.cit., p. 111.

trabalha de dia e dorme à noite. Há uma necessidade, é uma oportunidade comercial e um comércio que a aproveita. Cafés, tavernas, restaurantes, botequins, *gargotes*, *bouillons*, tascas, locandas, *brasseries*.<sup>17</sup>

“Qu’il fasse beau, qu’il fasse laid, c’est mon habitude d’aller sur les cinq heures du soir me promener au Palais-Royal. [...]. Si le temps est trop froids, ou trop pluvieux, je me réfugie au café de la Régence ; là je m’amuse à voir jouer aux échecs. Paris est l’endroit du monde, et le café de la Régence est l’endroit de Paris où l’on joue le mieux à ce jeu. C’est chez Rey que font assaut Légal le profond, Philidor le subtil, le solide Mayot, qu’on voit les coups les plus surprenants, et qu’on entend les plus mauvais propos; (...)”<sup>18</sup>

“Estar aí”, significa que há algo em comum. Pode ser uma necessidade ou uma ocupação. Pelo menos o horário. A estrutura deste é que faz com que essas pessoas, às vezes milhares de pessoas, se encontrem praticamente disputando por ocupar o mesmo lugar. “mesmo lugar” no meio rural é simplesmente topográfico. As pessoas não se amontoam, exceto nas igrejas ou nas escolas, que ficam no vilarejo.

“This latter is one of the principal thoroughfares of the city, and had been very much crowded during the whole day. But, as the darkness came on, the throng momentarily increased; and by the time the lamps were well lighted, two dense and continuous tides of population were rushing past the door. At this particular period of the evening I had never before been in a similar situation, and the tumultuous sea of human heads filled me, therefore, with a delicious novelty of emotion. I gave up, at length, all care of things within the hotel, and became absorbed in contemplation of the scene without.”<sup>19</sup>

Assim Poe descreve em primeira pessoa o que um observador sem outras preocupações - o desta narrativa convalesce de uma doença, mas poderia perfeitamente ser ocioso, como ocorre com os observadores mencionados por Balzac - vê desde uma janela do café situado no térreo de um hotel central em Londres. A multidão atrai a comparação: um mar tumultuoso de cabeças humanas. Eis um

<sup>17</sup>*Gargotes e bouillons* são lugares simples onde se consome bebidas, especialmente vinho, e alguma comida. Nas *brasseries*, originalmente fábricas de cerveja, esta era oferecida para a consumação no local, assim como pratos de comida.

<sup>18</sup>DIDEROT, *Le Neveu de Rameau*, abertura, p. 31: “Com bom tempo, com mal tempo tenho o costume de ir por volta das cinco da tarde passear no Palais-Royal. [...]. Se o tempo é demasiado frio ou demasiado chuvoso, me refugio no *café de la Régence* e lá me divirto vendo jogar xadrez. Paris é do mundo, e o *café de la Régence* de Paris, o lugar onde se joga melhor esse jogo. É no estabelecimento de Rey que atacam Légal o profundo, Philidor o sutil, o sólido Mayot, onde se vêem os lances mais surpreendentes e onde se ouvem as piores opiniões; (...)”

<sup>19</sup>E.A. POE, *The Man of the Crowd*, p. 475. “Esta última é uma das principais avenidas da cidade e havia sido muito freqüentada durante todo o dia. Mas, quando começou a obscurecer a multidão começou a aumentar rapidamente; quando as lâmpadas foram acesas, duas marés humanas densas e contínuas se apressavam frente à porta. Nunca antes me encontrara em situação semelhante nestas horas do fim do dia, e o mar tumultuoso de cabeças humanas encheu-me, então, de uma deliciosa sensação de novidade. Finalmente, deixei de lado toda preocupação com o que ocorria no interior do hotel e fiquei absorvido na contemplação do que se passava fora dele.”

aspecto fundamental da vida na cidade. A cidade é múltipla e abundante em mais de um sentido. As pessoas são muito numerosas; as ocupações, as mais variadas; os eventos e os modos de vida podem ir do mais comum e banal ao mais bizarro. Uma rápida passagem de olhos pelos nomes das crônicas de Rétif de la Bretonne dá uma idéia desse mundo multifário na passagem do século dezoito ao dezenove: *Le Garçon en fille, L'Homme-de-nuit, La Vaporeuse, Les Débris de cadavres, Le Décoleur d'affiches, L'Arbre fétiche, Foire Saint-Laurent, Immondices des bouchers, Café, Les Littérateurs, Combat de masques, Exécution nocturne, Les Airostats, L'Homme aux lapins, Fée d'artifice, Les Bains, Les Balayeurs, Duel de deux abbés, Les Billiards, Les Violateurs de sépultures, Bal payé, La Femme violentée*.<sup>20</sup>

Tal como o relato de Poe e o de Balzac mostram, há os que se apressam e se apertam e há os que observam. O observador usado por Poe tem tempo por estar convalescente. Os de Balzac, que são implicitamente numerosos, pois são mencionados no plural, têm tempo porque se dedicam a essa atividade que é a preferida deles. São, muito provavelmente - como pode ser visto em outros romances ou descrições contemporâneas - *rentiers*. Homens que vivem de rendas. Essa fração ociosa - no sentido do trabalho e da produção - da população, existirá em proporção significativa até a Primeira Guerra Mundial. É essa população, instruída, aquirenhada, sem uma preocupação imediata de subsistência, que manifesta algumas das sensações mais usadas para caracterizar a época. O *ennui*, que torna difícil encontrar prazer nas coisas, ou as coisas que possam proporcionar prazer. Os indivíduos *blasés*, com a sensibilidade embotada de tanto excitá-la. O *spleen* que toma conta da alma a ponto de retirar-lhe a iniciativa e qualquer vontade de tê-la.

Charles Baudelaire assume essas características e as retrata de forma tão clara que se torna um protótipo de homem da primeira metade do século dezenove. Sem obrigações materiais, ou melhor, sem reconhecer as obrigações materiais e sociais que os outros lhe atribuem e passam a exigir-lhe, Baudelaire se ergue como o *flâneur*, mais um tipo da época. Baudelaire não é um *flâneur*, assim como não é um *dandy*, mas adota essas posições privilegiadas para um cidadão que se interessa pela vida desse “mar tumultuoso de cabeças humanas”, desse ser multi-céfalo, e sabe satisfazer seu interesse. O *flâneur* é o observador por

---

<sup>20</sup>RÉTIF DE LA BRETONNE, *Les Nuits de Paris*.

excelência. Pode até usar suas observações, mas seu compromisso é consigo mesmo. É um aristocrata da vadiagem. Baudelaire disse com muita precisão : “L’observateur est un *prince* qui jouit partout de son incognito.”<sup>21</sup> E põe na boca de seu personagem, um pintor da época : “Tout homme, disait un jour M. G. . . . qui s’ennuie au sein de la multitude, est un sot ! un sot ! et je le méprise !”<sup>22</sup>

Tudo pode ser visto na cidade, os desejos mais estranhos podem ser saciados ou formulados. O objeto desses desejos, tão vagos porque não foram confessados nem a si mesmo, pode materializar-se ao virar a esquina. Esse aspecto volátil, fantástico e apetecível permeia a vida na cidade. A mulher fugaz que Baudelaire vê, um relâmpago na escuridão, aparece e se dissolve na multidão ruidosa :

*“La rue assourdissante autour de moi hurlait.  
Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse,  
Une femme passa, d’une main fastueuse  
Soulevant, balançant le feston et l’ourlet;”*<sup>23</sup>

Ei-la completa, em toda a força da sua beleza. Baudelaire, o cidadão, apreciador de prazeres extraordinários, vê nela a promessa da própria cidade. A observa passar, a aprecia, quase poder-se-ia dizer que a avalia, em sua plenitude e sabe que ela volta para a cidade, onde o número de suas semelhantes é imensurável. É o peixe magnífico na imensidão do oceano. A cidade é uma abundância incontável de estímulos.

Não há engano, erro de visão. A cidade é imunda. Sua construção e a intensa atividade que nela se realiza a condenam a um estado permanente de sujeira da pior natureza, todos os restos vão para a rua ou as margens do rio. O fedor pode ser insuportável e prejudicar os negócios, como aconteceu em Paris com a rua de Bièvre pela qual passava o rio desse nome e que foi coberta para evitar o cheiro das imundícies que escoava até o Sena. Os ribeirinhos não se conformaram com perder a facilidade de jogar os detritos diretamente no riacho e arrebentaram a canalização em vários lugares.<sup>24</sup> Essa realidade lamacenta, em que a cidade

<sup>21</sup>Ch. BAUDELAIRE, *Oeuvres complètes*, p.795. “O observador é um *príncipe* que goza por toda parte do seu incógnito.”

<sup>22</sup>Id., *Ibid.*, p. 796. “Todo homem . . . que se entedia no seio da multidão, é um tolo! um tolo! e eu o desprezo!”

<sup>23</sup>*Ibid.*, p. 68. “A rua ensurdecadora uivava em torno de mim. / Alta, fina, em grande luto, dor majestosa, / Uma mulher passou, com uma mão elegante / Levantando, balançando a borda e a bainha”

<sup>24</sup>J. HILLAIRET, *Dictionnaire historique des rues de Paris*, verbete *rue de Bièvre*.

fascinante envolve os extraordinários prazeres que oferece, é acolhida e cantada por Baudelaire com a clareza do poeta urbano e moderno<sup>25</sup>.

Na cidade grande, na metrópole, há oferta de tudo e muitos na demanda. A competição marca os detalhes da vida urbana. Cada trabalhador manual é comparável a uma centena de seus companheiros e, por essa mesma razão, substituível por qualquer um deles. Engels descreve a atitude em *Attitude of the Bourgeoisie towards the Proletariat*.<sup>26</sup> A concorrência ilimitada pode ser neutralizada pela especialização. O trabalho se divide, as pessoas se especializam. O altamente especializado pode aspirar a ter poucos concorrentes para substituí-lo e assim segurar mais tempo o emprego, a importância, a notoriedade. Nas esferas mais elevadas em termos econômicos a competição não é menor. A posição social depende cada vez menos de quem o indivíduo é, sua família, seu passado, e cada vez mais de sua produção, de sua capacidade para oferecer algo que faz falta, que pode ser aproveitado. Naturalmente, essa produção não é exclusivamente de natureza material. Os serviços começam a aparecer e a serem remunerados. Esses serviços podem ser extraordinariamente especializados, mas lucrativos se atendem uma real necessidade. É esse o caso do *quatorzième*. A atividade do “décimo quarto” consiste em fazer saber que está disponível, corretamente vestido para um jantar de sociedade, e aguarda em seu domicílio que o venham buscar para, por honorários adequados, completar uma mesa que para azar da dona da casa acabou ficando com treze convivas.

A diferença entre os indivíduos nasce da divisão do trabalho e do dinheiro de que podem dispor. Eis uma medida objetiva. Todos podem ser medidos e comparados. É o que na metodologia científica se chama de normalização. Se no *Ancien Régime* havia uma hierarquia imposta aos seres humanos, cuja posição no seio dela não dependia - ou não parecia depender - do desejo ou do esforço do indivíduo, e por isso podia ser considerada como natural, isto é, de origem divina, na sociedade burguesa capitalista, a sociedade cidadina do século dezanove, declara a importância de todos e cada um, mensurável. Mensurável como um parâmetro e considerada como resultado do esforço e do desejo do indivíduo. A cultura do

---

<sup>25</sup>BAUDELAIRE, *Oeuvres complètes*. “Moesta et errabunda”, em *Les Fleurs du mal*, Spleen et idéal-LXII, p.47. *Dis-moi, ton coeur parfois s'envole-t-il, Agathe, / Loin du noir océan de l'immonde cité, / Vers un autre océan où la splendeur éclate, / Bleu, clair, profond, ainsi que la virginité? / Dis-moi, ton coeur parfois s'envole-t-il, Agathe?*

<sup>26</sup>F. ENGELS, *The Condition of the Working Class in England*.

século dezenove, a cultura moderna, se desenvolve com o predomínio do espírito objetivo sobre o espírito subjetivo. Esse desenvolvimento é a transição, no teatro privilegiado da metrópole, do espírito humano de formas antigas de personalidade para mais atuais de individualismo. Um conceito que traduz esse novo estado das coisas é o de *eficiência* quando distinguido do de *eficácia*. O primeiro representa uma razão entre o que se obtém e o que custou obtê-lo; o segundo, diretamente vinculado ao conceito de causa eficiente da filosofia aristotélica, presente ao longo de grande parte da Idade Média, indica que a ação empreendida é apropriada para alcançar o fim almejado. Sob a vigilância da eficiência há sempre uma exigência em potencial. O que hoje pode ser feito num determinado tempo e por um determinado preço amanhã deverá sê-lo por menos.

A existência da multidão na grande cidade obriga o homem a manter o equilíbrio entre a independência e a interdependência. A motivação básica do indivíduo é evitar “ser nivelado e uniformizado por um mecanismo sócio-tecnológico.”<sup>27</sup> O ajuste psíquico correspondente é a intelectualidade do homem metropolitano que é menos emocional e mais calculista. Para preservar-se da compressão da vida urbana o homem se torna menos sensível, caracterizado pela sua *reserva*. Uma reserva tipicamente urbana. Uma modificação puramente defensiva que pode dar no indivíduo *blasé*, o indivíduo *jaded* do New York de hoje. Já viu tudo, não tem como se maravilhar. Se passasse a dar atenção a todos os estímulos que recebe no ambiente urbano, seria imobilizado, destruído por estes, diferentes, contrários, intensos. Nada mais poderia fazer senão ocupar-se da infinidade de solicitações e ficaria reduzido à imobilidade psíquica.

Por ser a metrópole a sede da economia monetária, tal como vimos acima na sua gestação, na vida da metrópole domina o intelecto. Uma atitude que serve para eliminar as ambigüidades ao transformar as relações qualitativas em quantitativas. No todo, a vida urbana é causa e efeito dessa característica que tem reflexos na vida íntima e na externa. O ritmo, constituído pela pontualidade, calculabilidade e exatidão, é imposto pela existência na metrópole e não apenas pela mentalidade do dinheiro, que entretanto, sem dúvida, o reforça.

Essa forma de “filtrar” a realidade não é um processo de dissociação, de afastamento; ao contrário, é uma forma de socialização fundamental. Dá ao

---

<sup>27</sup>G. SIMMEL, *A metrópole e a vida mental*, p. 14.



indivíduo uma proteção que lhe confere um grau de liberdade sem comparação com o que pode ser observado em outras situações. A psicologia da pessoa se modifica de maneira a constituir uma evolução de adaptação social.

Na metrópole ocorre a mais alta divisão econômica do trabalho, fator que aliado à elevada concentração de habitantes, todos em luta por consumidores, levam o indivíduo a especializar-se e manifestar-se de forma que seja inconfundível e não possa ser substituído por outro. É uma luta pela sobrevivência, como a que primitivamente era travada com a natureza. Agora ela é travada com outros homens, pelo lucro. A particularidade de cada ser humano deve ser expressa por intermédio da elaboração de um modo de vida. Cada indivíduo é levado a exagerar as características da sua exclusividade como forma de preservar a sua essência mais pessoal e permanecer perceptível até para si próprio.<sup>28</sup>

A cultura se enriquece na forma de bens, costumes e normas, distanciando-se cada vez mais do desenvolvimento intelectual alcançado pelo indivíduo. Assim se acentua a preponderância, característica da cultura moderna, do espírito objetivo sobre o espírito subjetivo. Há nesta tendência a manifestação de uma mudança profunda de aspirações. Na metrópole, a visão do século dezoito, que aspira à liberdade e à igualdade que permitam à essência comum a todos os homens vir à tona é confrontada com a tendência de pensadores do século dezanove que pode ser observado no romantismo, para o qual os indivíduos, liberados dos vínculos históricos que os retinham, desejam distinguir-se uns dos outros, num processo de força vital que parte da própria sociedade e efetua a sua transformação. Perante tais forças não há julgamento, a atitude do marinheiro norueguês no *Maelström* se impõe como mais adequada: observar e compreender, conduzindo a dominar ou perecer.

## 5. A idéia de cidade

As descrições da cidade nos séculos dezoito e dezanove são em efeito avaliações, e estas variam de um extremo a outro de uma gama de julgamentos de profundo comprometimento moral. Carl Schorske as apresenta:

---

<sup>28</sup>Id., Ibid., p. 26.

“During two hectic centuries of social transformation, the problem of the city pressed relentlessly upon the consciousness of Europe’s thinkers and artists. The response of the intellectuals to this pressure was infinitely varied; for social change brought in its train *transformations in ideas and values* more protean than the alterations in society itself.”<sup>29</sup>

Ênfase acrescentada para mostrar o ponto importante que Schorske ressalta, o efeito mais profundo e prolongado: a transformação das idéias e valores, que afeta não só as relações sociais como também a forma de ver estas assim como toda a gama de manifestações culturais.

De Voltaire vem o franco elogio da cidade, embora de Londres e não de Paris, devido às condições de sua visita. Na cidade encontra-se o respeito pelo talento e isso faz a sua força. Londres representa o triunfo da mobilidade social sobre a rígida hierarquia social. A transferência dos nobres para a cidade, ocorrida na França durante o reinado de Luiz XIV, *adoçou*<sup>30</sup> a vida do habitante da cidade, afastando a juventude urbana dos locais de bebedeira e introduzindo a boa conversação e a leitura. Outra visão temos em Adam Smith, que vê a origem da cidade na ação de monarcas que necessitando delas as estabelecem como centros de ordem e liberdade, e tornam as cidades o ponto de partida para o progresso da indústria e da cultura. A visão alemã do século dezanove, partindo de Fichte, sob a influência do fato de não haver uma cidade dominante na Alemanha do século dezoito, aparece como algo diferente. Durante as guerras napoleônicas, rompendo com as idéias dos humanistas alemães que exaltavam o ideal comunitário da cidade-estado grega, Fichte aceita a noção ocidental da cidade como o agente por excelência da formação cultural, mas considera que a cidade alemã é a criação exclusiva do povo (*Volk*) alemão. Se para Voltaire a instalação da nobreza civilizou a cidade; para Smith a cidade civilizou a nobreza rural ao mesmo tempo em que destruía a autoridade feudal. A cidade nivelou os nobres para baixo e os cidadãos para cima criando uma nação livre, ordeira e próspera. Para Fichte os cidadãos (*Bürger*) produziram tudo o que merecia ser honrado entre os alemães. Esta

---

<sup>29</sup>C. SCHORSKE, *Thinking with History*, cap. 3, “The Idea of the City in European Thought: Voltaire to Spengler”. p. 37: “Durante dois séculos febris de transformações sociais, o problema da cidade se fez presente insistentemente no pensamento dos pensadores e artistas da Europa. A resposta dos intelectuais a esta pressão foi infinitamente variada, porque as mudanças sociais acarretaram *transformações nas idéias e valores* mais protéticas que as próprias alterações na sociedade.”

<sup>30</sup>No sentido da expressão *adoucissement des moeurs* de Mirabeau, pai, e usado por Norbert Elias em *The Civilizing Process*, tradução de *Über den Prozess der Zivilisation*.

visão firmemente estabelecida e por um tempo dominante foi herdada e elaborada na inspiração iluminista associando a cidade à virtude.

Nem todas as opiniões concorriam. O fisiocratas franceses davam ao campo e à produção agrícola uma importância que só podia levar à desconfiança em relação a uma cidade de importância crescente. A própria excitação que a cidade era capaz de provocar era suficiente para criar-lhe detratores. Ainda no século dezoito, Rousseau (1712-1778) nos oferece uma idéia das reações à cidade em crescimento: “Adeus Paris. Procuramos o amor, a felicidade, a inocência; jamais conseguiremos nos afastar de ti o bastante.” (*Émile ou de l'éducation*) e as confidências de Saint-Preux em *Julie ou la Nouvelle Héloïse*: “Começo a sentir a embriaguez que esta vida agitada, tumultuosa nos provoca. Com tanta coisa passando na minha frente fico tonto.” Notamos o mesmo estímulo sentido pelo observador de Poe. A concentração da produção e de riquezas na cidade, a transformação da sociedade agrária, o culto da natureza e a revolta contra o racionalismo maquinal, produzem o temor da “adoração de Mammon”, a supremacia do dinheiro, a perda das tradições e a corrupção moral. Esta associação da cidade com o vício é grandemente acentuada pelo crescimento da industrialização nas décadas iniciais do século dezenove, com suas deformações demográficas e de subsistência como descrito antes, e pelo fato de haver uma idéia de virtude, idílica se se quer, mas largamente difundida entre os pensadores e as pessoas cultas, originária do Iluminismo. É a constatação da nova situação do ser humano na cidade e o contraste com o ideal que desta se tinha que tornam repugnante a própria idéia da cidade.

A literatura da época, com Dickens, Balzac, Zola, oferece eloquentes descrições, mas a trajetória de Engels poderia ser também um indicador. Com Marx mostra uma nostalgia pelo artesão medieval, dono de seus meios de produção, mais tarde, critica essa posição como prudhonista, para no final expressar uma opinião anti-megalópolis, aceitando até as soluções de Fourier com seus falanstérios. A visão futurística levou a Marx, Engels e outros reformadores socialistas não a condenar a cidade mas a reformá-la e recuperá-la. Nisto são o oposto dos que pregam, como Owen ou Fourier, a volta ao campo, a ressurreição e revigoração do agro. A visão socialista condena as condições da sociedade, a espoliação da massa, mas a aceita historicamente e propõe seu uso como alavanca para o

futuro, no qual a cidade será diferente porque as relações de produção terão mudado.

É a troca da interrogação: “O que há ou poderá haver de bom e de ruim na vida moderna?” por “O que é ser moderno?”, deixando fora de consideração a passagem do tempo, que acarreta uma postura completamente nova. Enquanto os “saudosistas” abandonariam a cidade e os “futuristas” a reformariam, o homem moderno, a aceita, explora e adota; a inspiração iluminista coloca a cidade moderna na passagem de um passado caótico para um futuro brilhante, a visão anti-industrial vê na cidade moderna uma traição a uma idade de ouro. O homem conscientemente moderno, o herói de Baudelaire, percebe na cidade o conteúdo transitório que tudo permeia, mas reconhece que esse estado é permanente. A cidade apresenta uma sucessão de instantes que devem ser saboreados enquanto passam da inexistência ao total desaparecimento.

Para essa visão a experiência da multidão é fundamental. Os membros da multidão, individualmente diferenciados, sem raízes, todos se encontram no mesmo lugar e momento e, logo depois, suas trajetórias se separam, talvez para sempre,<sup>31</sup>

*La rue assourdissante autour de moi hurlait.  
Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse,  
Une femme passa, d'une main fastueuse  
Soulevant, balançant le feston et l'ourlet;*

Com a afirmação do seu desarraigamento, Baudelaire alcança uma percepção que lhe permite oferecer ao habitante da cidade uma visão que nem os saudosistas nem os reformistas haviam sequer vislumbrado. “Multitude, solitude: termes égaux et convertibles pour le poète actif et fécond.” (“Multidão, solidão: termos iguais e intercambiáveis para o poeta ativo e fértil”). Descobriu e aperfeiçoou a arte de “tomar um banho de multidão”: “Il n’est pas donné à chacun de prendre un bain de multitude : jouir de la foule est un art”. (“Não é qualquer um que pode tomar um banho de multidão: gozar a multidão é uma arte.”). Para ele foi possível e declara :

“Le promeneur solitaire et pensif tire une singulière ivresse de cette universelle communion. Celui-là qui épouse facilement la foule connaît des jouissances fiévreuses, dont seront éternellement privés l’égoïste, fermé comme un coffre, et le paresseux, interné comme un mollusque. Il adopte comme

---

<sup>31</sup>BAUDELAIRE, Op. cit., p. 68.

siennes toutes les professions, toutes les joies et toutes les misères que la circonstance lui présent.”<sup>32</sup>

O homem moderno se encontra frente a uma situação simples e aterrorizante. Seu futuro é nulo; o que tem é o aqui e o agora, que deve ser fruído, vivido com plena consciência do terror irremediável. São inevitáveis as referências que surgem na mente, mesmo involuntariamente, à visão clássica grega analisada por Burckhardt e por Nietzsche e aplicada ao século de seu presente, ambos homens do século dezanove de grande dinamismo espiritual e despojados de ilusões tradicionais, cujo objetivo como detentores do conhecimento, *Wissenschaftler*, que distribuem, não é preparar o homem de *Bildung* para amanhã e sim para sempre. A cidade moderna destruiu a validade de todos os credos integradores herdados. Esses credos foram preservados para esconder a realidade burguesa. O gozo estético e sensual da vida moderna é a única compensação para a perda de amarras, da integração social e de crenças.<sup>33</sup>

## 6. Personagens

A natureza desse ambiente frenético fica cada vez mais patente. No teatro urbano se encontram, se chocam e se misturam, o realismo brutal da cidade moderna e a fantasia excitada pelas oportunidades infindáveis do mundo moderno. Os homens percebem cada vez com mais clareza que a sociedade moderna não pode existir sem modificar-se constantemente. Ao longo desta época moderna, com a volta ao Cabo de Boa Esperança, a descoberta da América, novos mercados e novos territórios de atuação se abrem para a classe de comerciantes e financistas em ascensão. Marx aponta :

“O mercado chinês e o da Índia Oriental, a colonização da América, o comércio com as colônias, o aumento dos meios de trocas e das mercadorias

---

<sup>32</sup>Id., Ibid., “Les Foules”, Petits poèmes en prose, XII, p. 170, “O passante solitário e pensativo obtém uma singular ebriedade desta comunhão universal. Aquele que se adapta facilmente à multidão conhece gozos febris dos quais estarão eternamente privados o egoísta, trancado como um cofre, e o preguiçoso, fechado como um molusco. Ele adota como suas todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que a circunstância lhe apresenta.”

<sup>33</sup>Ibid., “Une mort héroïque”, Petits poèmes en prose, XXVII, p. 188, Como Baudelaire declara com toda precisão: “L’ivresse de l’Art est plus apte que toute autre à voiler les terreurs du gouffre; (...) le génie peut jouer la comédie au bord de la tombe avec une joie qui l’empêche de voir la tombe, perdu, comme il est, dans un paradis excluant toute idée de tombe et de destruction.” (“A intoxicação da arte é a mais adequada para esconder os terrores da fossa; (...) o gênio pode ser comediante à beira da tumba com uma alegria que lhe impede ver a tumba, perdido, como se encontra, num paraíso que exclui toda idéia de tumba e de destruição.”)

(*commodities*) em geral, deram ao comércio, à navegação, à indústria, um impulso antes desconhecido, com o que o elemento revolucionário na sociedade feudal cambaleante se desenvolveu rapidamente.”<sup>34</sup>

*Manifesto do partido Comunista*, preparado para 1848 e relançado em 1887, é uma reflexão de pensadores do século dezenove sobre a época em que vivem.

Ainda,

“A burguesia com sua exploração dos mercados mundiais deu um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. (...) indústrias que já não elaboram com base em matéria prima local, mas com matéria trazida dos cantos mais remotos; indústrias cujos produtos são consumidos não somente onde são produzidos mas em todas as regiões do globo. No lugar de antigas necessidades, satisfeitas com a produção do país, encontramos novas necessidades que para sua satisfação requerem produtos de terras e climas distantes.”<sup>35</sup>

Diretamente sobre a cidade, “A burguesia tornou o campo sujeito à cidade. Criou cidades enormes, aumentou grandemente a população urbana comparada à rural, (...)”

O fato persistente da vida na cidade moderna é que ela é, em todos seus aspectos, contraditória. O habitante deve aprender a manter seu equilíbrio enquanto trabalha para sustentar as forças que criam a contradição. As novas condições permitem o aparecimento e o desenvolvimento de personagens urbanos que não sobreviveriam em outro ambiente, a não ser o da grande, imensa, cidade. Baudelaire os descobre, os observa e os adota, encontrando neles a essência da vida moderna com seus atrativos, suas podridões e a necessidade de vencer para continuar a viver uma vida que é ação. No mesmo sentido em que Goethe aponta: “Wie ich beharre, bin ich Knecht” em *Fausto*<sup>36</sup>, declaração que este personagem reforça pouco antes de morrer com: “Nicht sicher zwar, doch tätig-frei zu wohnen.”<sup>37</sup>.

Não há exclusões :

“Ce que les hommes nomment amour est bien petit, bien restreint et bien faible, comparé à cette ineffable orgie, à cette sainte prostitution de l’âme que se donne toute entière, poésie et charité, à l’imprévu que se montre, à l’inconnu qui passe.”<sup>38</sup>

<sup>34</sup>KARL MARX e FRIEDRICH ENGELS, *Manifesto of the Communist Party*, p. 474.

<sup>35</sup>Id., *Ibid.*, p. 476.

<sup>36</sup>J. W. VON GOETHE, *Faust*, linha 1.710: “Ao parar, torno-me escravo”

<sup>37</sup>Id., *Ibid.*, linha 11.564: “Sem certeza garantida, mas vivendo livre para agir.”

<sup>38</sup>BAUDELAIRE, *Oeuvres complètes*. “Les fous”, em *Petits poèmes en prose*, XII, p.170, (“O que os homens chamam de amor é bem pequeno, bem acanhado e bem fraco comparado com a inefável orgia, com a santa prostituição da alma que se entrega por inteiro, poesia e caridade, ao imprevisto que aparece, ao desconhecido que passa.”)

São essas circunstâncias da vida na cidade que dão lugar ao heroísmo moderno. A aceitação do desafio colocado pela nova vida, agora vista sem véus, sem as tradicionais ilusões. O *flâneur* adquire caracteres heróicos no meio da cidade lamacenta e fétida. O *flâneur* é heróico ao manter arrogantemente uma independência superior e uma individualidade desdenhosa. A forma mais espetacular do *flâneur* é o *dandy*. Vestido com as roupas mais recentes, de melhor qualidade e mais espetaculares disponíveis, o *dandy* decide apresentar-se como o pavão que vai até os limites, ou os excede, da sobriedade e do bom gosto da sociedade burguesa. “O *dandy* deve aspirar ao sublime continuamente. Deve viver e dormir frente a um espelho.” Balzac se exprime em termos semelhantes e descreve as reações de Drummond no exílio na França<sup>39</sup>. O *dandy*-ismo consiste na satisfação de surpreender os outros e na satisfação de nunca se surpreender. O *dandy* se considera como o perito em consumo por excelência. Seu estilo idiossincrático o assinala como um personagem de discriminação e discernimento. Como o maior desejo do *dandy* é destacar-se da multidão ele é o *flâneur* em uniforme de militante. O heroísmo do *dandy* está em sua necessidade de combater a trivialidade e manter firmemente a decisão de não emocionar-se; o do *flâneur* consiste em perambular, passear, observar mas nunca apressar-se. O *flâneur* está fundamentalmente fora de compasso com os ritmos da vida moderna. O *dandy* reconhece esses ritmos e outras características dessa vida que se impõe e os combate desprezando-os. Como um sinal dos tempos, o *dandy* aparece, dominando o momento com seu desprezo, sinalizado pelo seu extremo cuidado com a vestimenta e a aparência pessoal, pelo que é considerado importante pelo resto da sociedade.<sup>40</sup>

Outro personagem que contrasta com as formas impostas pela vida moderna e com isso ganha perfil de herói é o jogador. Ao recusar-se a equiparar trabalho, tempo e dinheiro, o jogador parece opor-se à disciplina da produção capitalista, moderna. O jogador nega a importância financeira do próprio jogo pretendendo apreciar o jogo pelo jogo. No jogo o jogador espanta o tédio. Finalmente, como comenta Dostoyevsky em *O Jogador*, “(...) mesmo quando perde tudo o que possui, não deve mostrar qualquer emoção.” O casino existe para o jogador como

<sup>39</sup>BALZAC, *Traité de la vie élégante*.

<sup>40</sup>BAUDELAIRE, *Oeuvres complètes*. “Le Dandy”, em *Critique d’art*, Le Peintre de la vie moderne-IX, p. 806: “Le dandysme apparaît surtout aux époques transitoires où la démocratie n’est pas encore toute-puissante, où l’aristocratie n’est que partiellement chancelante et avilie”. (“O dandismo aparece sobretudo nas épocas de transição quando a democracia ainda não é todo-poderosa, quando a aristocracia está apenas parcialmente cambaleante e aviltada”)

o mercado e as ruas para o *flâneur*. A primeira vista é o lugar da observação desinteressada; no fundo, onde se consegue uma vantagem financeira e uma posição social. Ambos aspiram a intoxicar-se na excitação dos estímulos urbanos, ambos aspiram a serem aristocratas desse mundo, mas em geral nenhum dos dois pode pagar.

A prostituta é como o operário; seu corpo é mecanizado e “comodificado”. A prostituta é um personagem proeminente na literatura, aparecendo como uma figura alegórica que representa a *commodity*. É a figura do corpo denegrado, e através dela a natureza. A prostituta é um modelo não somente da reificação do corpo humano no mundo moderno, mas também da suspensão da identidade individual. O número de prostitutas nas metrópoles modernas é um elemento importante na desumanização da massa urbana. Há importantes semelhanças entre a prostituta e o *flâneur*. Ambos conhecem em detalhe os cantos obscuros e os nichos escondidos da cidade; os lugares e os prazeres de extraordinária intensidade que a cidade oferece mas que com dificuldade entrega. O *flâneur* é um observador, um *voyeur*, que pode espiar a vida nesses cantos obscuros; a prostituta não tem o lazer de observar, mas é o objeto de observação. No seu célebre *The Picture of Dorian Gray*, Oscar Wilde, *dandy* de primeira magnitude, mostra os nichos e os personagens que os freqüentam, na Londres do final do século dezenove.

O catador de dejetos partilha dos atributos e posição desses personagens. Quando novos processos industriais atribuem valor a certos dejetos, aparecem em grandes números os catadores especializados. Em geral têm um intermediário, trabalham quando o resto da população deixa de fazê-lo e trata parte do material como lixo. O catador mantém uma atividade artesanal em plena rua. Baudelaire observa essa atividade :

“Eis um homem cuja tarefa é juntar o lixo do dia na capital. Tudo o que a grande cidade jogou fora, tudo o que perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que quebrou, ele cataloga, ele coleta. Ele examina os arquivos da devassidão, o estoque do desperdício. Ele examina fazendo uma seleção inteligente; como o avaro que junta seu tesouro, junta o lixo que mastigado pela divindade da Indústria, torna-se um artefato útil e agradável.”

São as abelhas operárias da indústria capitalista.

Na Paris do início do século dezenove constroem-se e aperfeiçoam-se construções dedicadas a atividades que ganham grande impulso e notoriedade, para,



em alguns casos, desaparecer a medida que o século avança. A galeria, o restaurante, destacam-se num século de intensa construção.

A galeria, em passagens ou adicionadas a edifícios existentes criam uma miniatura da cidade que atrai todo os tipos de consumidores e todos os heróis do tempo. Baudelaire em seu poema *Vie antérieure*, fala de mar e de cavernas à beira da água; de escravos dedicados a procurar-lhe o alívio emocional com sua sensualidade<sup>41</sup>. Nessa linguagem privilegiada pode-se encontrar também a cidade, Paris, em todo seu esplendor, noturno, enfeitiçante. O observador se instala no interior de um das galerias de passagens e faz dela seu gabinete.

Ninguém pensa a cidade em isolamento hermético, cuja imagem mental é formada através de um filtro perceptual derivado da herança cultural e transformado pela experiência pessoal, como observa Carl Schorske<sup>42</sup>. Na passagem da visão volteriana à visão spengleriana, através das propostas de Adam Smith, Fichte, Blake, Marx, Fourier, Baudelaire, Morris, Engels, Nietzsche, Schorske discerne três grandes grupos de avaliações: a cidade como virtude, a cidade como vício e a cidade além do bem e do mal, a respeito dos quais Schorske se apressa em esclarecer que as que iam aparecendo não destruíam as precedentes, as quais perdiam entretanto muito de sua importância: “No new phase destroyed its predecessor. Each lived on into the phases that succeeded it, but with its vitality sapped, its glitter tarnished.”<sup>43</sup> Na cidade, esse caldeirão borbulhante que ocasiona as mais variadas opiniões e motiva desde a Antiguidade propostas de organização social,

<sup>41</sup>BAUDELAIRE, *Oeuvres complètes*, “Vie antérieure”, *Les Fleurs du mal*, Spleen et Idéal-XII, p. 13.

*J'ai longtemps habité sous de vastes portiques  
Que les soleils marins teignaient de mille feux,  
Et que leurs grands piliers, droits et majestueux,  
Rendaient pareils, le soir, aux grottes basaltiques.*

*Les houles, en roulant les images des cieux,  
Mêlaient d'une façon solennelle et mystique  
Les tout-puissants accords de leur riche musique  
Aux couleurs du couchant reflété par mes yeux.*

*C'est là que j'ai vécu dans les voluptés calmes,  
Au milieu de l'azur, des vagues, des splendeurs  
Et des esclaves nus, tout imprégnés d'odeurs,*

*Qui me rafraichissaient le front avec des palmes,  
Et dont l'unique soin était d'approfondir  
Le secret douloureux qui me faisait languir.*

<sup>42</sup>SCHORSKE, *Thinking with History*, “The Idea of the City in European Thought: Voltaire to Spengler”, p. 37.

<sup>43</sup>Id., *Ibid.*, p.37.

práticas e ideais, viu-se nos séculos dezoito e dezenove a formação da visão do homem que não tem deuses nem as instituições como guia e amparo, mas que se toma consciência de si mesmo e olha ao redor assume em sua plenitude a herança de Caím: “E conheceu Caím a sua mulher, a qual concebeu e pariu a Enoch, e edificou uma cidade e deu por nome à cidade o nome de seu filho, Enoch.” (Gênesis: 4, 17). Esta filha de Caím é então Babilônia a Grande, como a Paris de Rousseau em *Émile*: “Adieu Paris, (...) jamais conseguiremos nos afastar de ti o bastante” revelando a natureza oculta da sua atração destruidora: “Veio então um dos sete Anjos de sete taças dizer-me: ‘Vem que te mostrarei o julgamento da Prostituta famosa. A mulher, coberta de púrpura e de escarlata, brilhava com ouro, pedras preciosas e pérolas; ela tinha na mão uma taça de ouro, (...).’ Mas a Urbe é também feminina, mãe. Contem e abriga seus filhos (Galatas: 4, 26). A urbe, Roma do início desta era (com aproximadamente 1 milhão de habitantes) alcança sua plenitude como a mãe que protege e também expõe; que afaga e corrompe; onde se mistura sem ordem prevista, a maldição, a benção, a vida e a morte. Todas essas forças e essas necessidades encontram na Urbe seus meios e sua satisfação. A cidade é isso, tudo dependendo somente da atuação de cada um; pode ser perdição ou proteção, podendo encontrar-se numa a força para se ter a outra. A visão moderna da vida, colocada de forma sucinta e apta por Baldearia: “Lê génie peut jouer la comédie au bord de la tombe avec une joie qui l’empêche de voir la tombe.”, contribuição sobre a qual Schorske acentuadamente chama a atenção: “the great sea change in our culture ushered in by Baudelaire and the French Impressionists, and given philosophical formulation by Nietzsche.”<sup>44</sup>

Diversas materializações dessa mudança estavam presente no próprio feito da cidade. Novos equipamentos, novos serviços que ocupam espaço e abrigam costumes, novos ou em adaptação. O restaurante é notoriamente um novo espaço-serviço. Construções planejadas para esse fim surgem nas principais cidades. Muitos restaurantes estão localizados em hotéis, lugar onde tradicionalmente se espera encontrar comida, e foram, durante o planejamento do imóvel, influência importante. Com o avanço da preocupação gastronômica, que teve seu foco na França e na Itália - nas cortes italianas - se irradiou com pouca demora pelas cortes da Europa, os cozinheiros, aliados a empresários ou por conta própria, se

---

<sup>44</sup>SCHORSKE, Op. cit., p. 49. “a imensa mudança em nossa cultura introduzida por Baudelaire e os Impressionistas franceses, com expressão filosófica dada por Nietzsche.”

estabeleceram em espaços públicos, como será visto no capítulo III, com a atividade específica do restaurante.

No século seguinte a influência desse novo elemento da vida urbana os novos hotéis e restaurantes foram construídos tendo em vista as exigências resultantes do serviço a ser prestado. Só as inovações tecnológicas, com novas máquinas e fornos cada vez maiores, e o aumento do público que freqüentava restaurantes e restaurantes de hotéis, bastariam para explicar as novas exigências feitas aos arquitetos encarregados de construir os novos edifícios. Em Londres, desde o século dezoito<sup>45</sup> cozinheiros franceses e ou cozinhando à francesa adquiriram renome internacional.<sup>46</sup> Nesta cidade, já no século dezenove, alguns dos empreendimentos mais notórios em matéria de hospedagem e alimentação foram determinados pelas necessidades da cozinha, como ocorreu com o hotel *Carlton*, inaugurado em 1899. Este hotel teve a cozinha planejada e sua instalação supervisionada por Escoffier, que depois do sucesso alcançado no hotel *Savoy*, a partir de 1890 fora chamado a Roma para o *Grand Hôtel*, como consultor e supervisor, e a Aix-le-Bains para o *Chalet au mont Revard*.

O restaurante ocupa um lugar no imaginário do cidadão e fisicamente na cidade.

---

<sup>45</sup>Cozinheiros franceses ou ingleses, permanentes ou de longa duração, a serviço de uma casa inglesa. Encontrar cozinheiros estrangeiros em visita, seja acompanhando seus amos, seja a convite de algum residente inglês apreciador da cozinha francesa, era normal numa época em que as pessoas de posses viajavam com um séquito maior ou menor de criados, segundo a fortuna. Depois de acompanhar seu amo por razões de segurança, o cozinheiro tornou-se um membro do séquito que conferia distinção.

<sup>46</sup>Entre os mais renomeados estão La Chapelle e Clouet.